

# OS EGRESSOS DA PRÉ-ESCOLA: CAMINHOS E DESCAMINHOS\*

Márcia Maria Gurgel Ribeiro\*\*

Analisa a relação entre educação pré-escolar e escolaridade, na tentativa de identificar como a mediação da origem de classe social permeia esta relação. Verifica também que, apesar de deficitária, a pré-escola exerce uma certa influência no resultado da escolaridade das crianças, visto constatar um percentual maior de aprovação entre aquelas que a freqüentam.

## **CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES: de onde vêm, para onde vão**

No estudo da trajetória escolar percorrida pelos alunos oriundos da pré-escola, pretendemos analisar aspectos mais ligados às questões referentes à escolaridade dos alunos, relacionando-os, por um lado, com a freqüência à pré-escola e, por outro, com a origem social desses alunos. Neste sentido, tentaremos identificar como o fato de as crianças terem freqüentado ou não a pré-escola vai interferir na sua escolaridade na 1ª. série da escola básica, tentando perceber como a origem social permeia essa escolaridade.

---

\* Apresentação parcial de uma discussão mais ampla, sistematizada na dissertação de Mestrado Pré-escolal: Sésamo para um outro mundo? UFRN, Natal/RN, 1990.

\*\* Professora do Departamento de Educação da UFRN.

O conhecimento da clientela que frequenta a escola exige que se considere a mediação entre o desenrolar de sua escolaridade e a sua origem de classe. Para compreender essa relação, torna-se imprescindível a identificação das crianças a partir de uma abordagem que possibilite revelar e analisar a questão em torno dos caracteres de origem social.

O estudo desenvolvido por FERREIRA et al (1989) apresenta subsídios à investigação dessa caracterização. Esse estudo parte do pressuposto de que as classes sociais se definem pela forma como se dá a participação na produção e na apropriação da riqueza socialmente produzida. Neste sentido, a forma como os seres humanos organizam a produção material da sua existência e as relações dela oriundas é que condicionam a existência das classes que, segundo LENINE, definem-se como:

*“Grandes grupos de pessoas que se diferenciam umas das outras pelo lugar que ocupam no sistema de produção historicamente determinado, pelas relações que contraem com respeito aos meios de produção (relações que em grande parte são estabelecidas e fixadas por lei), por seu papel na organização social do trabalho e, por conseguinte, pela maneira e proporção segundo as quais obtêm a parte da riqueza social de que dispõem” (1960, p. 413).*

A partir dos parâmetros delimitados por LENINE (1960) foi identificada, no contexto da cidade de Natal, a origem social dos alunos que integram este estudo. Todos os dados utilizados têm como fonte a pesquisa *“Entre quatro paredes: estudo da relação entre a prática pedagógica e origem social dos alunos da 1ª. série do 1º. grau”* (FERREIRA, 1989, P. 127-32).

Os dados analisados referem-se à procedência dos alunos no início do ano letivo de 1987; ao resultado da escolaridade na 1ª. série do 1º. grau; e, ainda, ao resultado da escolaridade daqueles alunos que frequentaram a pré-escola. Todos esses aspectos serão estudados em relação à origem social das crianças.

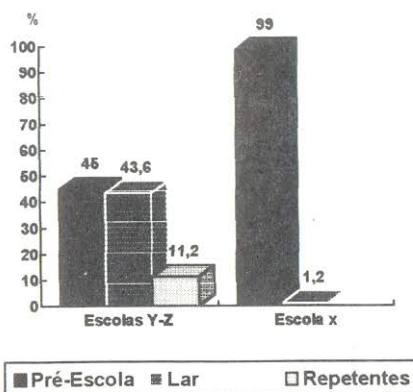
A maioria dos alunos advém da pequena burguesia, (75,6%), seguida daqueles oriundos do proletariado (14,5%) e de uma minoria (9,9%), de origem burguesa. Ao relacionarmos a origem social dos alunos à dependência administrativa das escolas por eles freqüentadas, verificamos que nas escolas públicas Y e Z, 67,7% dos alunos são de origem pequeno-burguesa, 29,5% de origem proletária e apenas 2,8% dos alunos de origem burguesa. Entre os alunos da escola privada X encontramos 82,8% oriundos da pequena burguesia, 16% de origem burguesa e 1,2% oriundos do proletariado.

No geral dos alunos que representam a amostra, uns nunca freqüentaram qualquer escola, alguns provêm da pré-escola e outros são repetentes da escola de 1º grau.

No entanto, à medida que procuramos identificar esses alunos pela instância administrativa de suas escolas, verificamos que se configura uma determinada tendência. Nas escolas públicas Y e Z, 45,08% dos alunos da 1ª. série vêm da pré-escola, 43,66% nunca freqüentaram escola e 11,26% são alunos repetentes. Em contrapartida, na escola privada, a grande maioria, 98,77%, vem da pré-escola. Apenas 1,23% não passaram pela educação pré-escolar. Um aspecto a observar é que neste tipo de escola não encontramos alunos classificados de repetentes. Ou eles são em número insignificante ou são camuflados pela estratégia da transferência, muitas vezes alojando-se em outras escolas em que recuperam essa condição (gráfico I).

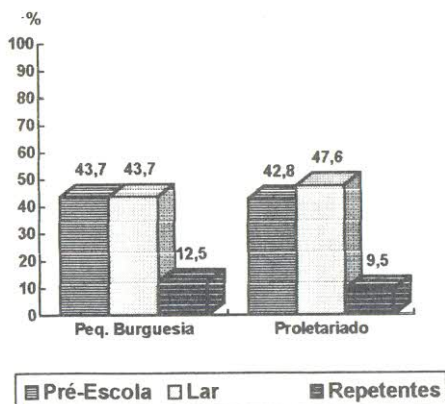
Ao relacionarmos a procedência desses alunos com sua origem social, constatamos que, nas escolas públicas Y e Z, os alunos da pequena burguesia vêm provenientes da pré-escola (43,75%) e do lar (43,75%). Os alunos repetentes representam 12,50% do total inscritos. No que se refere aos alunos de origem proletária, 47,63% provêm do lar, 42,85% da pré-escola e apenas 9,52% são repetentes (gráfico II).

GRÁFICO I- ALUNOS POR ESCOLA E PROCEDÊNCIA, 1987 - NATAL - RN - 1ª.SÉRIE -1º.GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

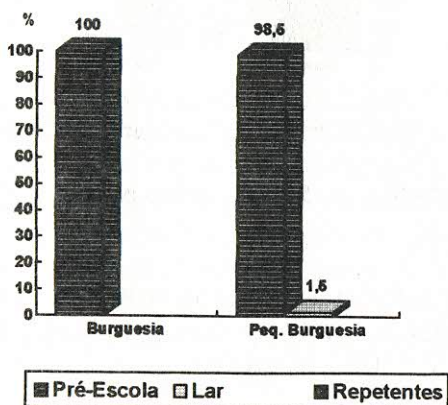
GRÁFICO II - ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS Y E Z, SEGUNDO A PROCEDÊNCIA E A ORIGEM SOCIAL, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

A grande maioria dos alunos da escola privada frequentou a pré-escola, ou seja, 100% de alunos oriundos da burguesia e 98,50%, da pequena burguesia. Apenas 1,50% da pequena burguesia provêm do lar (gráfico III)

GRÁFICO III - ALUNOS DA ESCOLA PRIVADA X, SEGUNDO A PROCEDÊNCIA E A ORIGEM SOCIAL, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

A contraposição dos dados em termos de escolas públicas e privada demonstra uma diferença considerável no que se refere às chances das crianças de frequentarem a pré-escola.

Nas escolas públicas Y e Z menos da metade das crianças (45,08%) frequentaram a pré-escola. Na escola privada X, ao contrário, a quase totalidade (98,77%) teve acesso à escolaridade em nível de pré-escola.

Inúmeros fatores poderiam ser arrolados como determinantes dessa diferença. Entre outros, chamamos a atenção para a questão da

responsabilidade do Estado em relação ao atendimento às necessidades de educação dessa clientela. Neste sentido, apesar de, no discurso, o poder público afirmar a prioridade de atendimento à educação pré-escolar, o que se constata é a redução da oferta de vagas na rede de ensino público, seja municipal ou estadual.

No que se refere a esse atendimento, FERRARI e GASPARY demonstram que, no período de 68 a 74, quando a educação pré-escolar tinha caráter prioritário no sistema de ensino,

*“... não só não houve aumento, mas até declínio das pretensas funções compensatórias e equalizadoras da educação pré-escolar” (1980, p.77).*

Segundo esses autores, enquanto a matrícula nos estabelecimentos privados aumentava de 38,59% para 45,11%, nos estabelecimentos públicos diminuía de 61,41% para 54,19%.

Conforme os dados oficiais, no ano de 1988 apenas 30% da população em idade pré-escolar foi atendida e essa taxa vem aumentando lentamente somente nos últimos anos. (Brasil, 1987, p.19)

Ao lado desse fator, merece destaque a interferência das precárias condições de vida das camadas sociais que freqüentam a escola pública. Nessas camadas sociais, os membros da família, desde a mais tenra idade, são forçados a colaborar na produção dos meios para a sobrevivência imediata.

Sobre este aspecto, CAMPELO constata que

*“... algumas daquelas crianças já realizavam tarefas que lhes rendiam alguns trocados: entre elas havia pastadores e limpadores de carro, vendedores de dindim, dadá e picolé; a maioria das meninas ajudava as suas mães nos afazeres domésticos, e duas delas já trabalhavam um expediente em residências de donas ricas, que ficam próximas às suas” (1988, p. 16).*

Grande parte dos alunos da escola pública é originalmente discriminada tanto econômica como socialmente. Suas famílias, para se manterem, precisam contar com a participação de quase todos os seus

membros, na labuta diária, até mesmo das crianças. Sabemos que o mesmo não acontece com os filhos das famílias mais favorecidas. Ao chegarem à escola, aquelas crianças trazem consigo o estigma das suas estratégias de sobrevivência que, por sua vez, a escola recebe, mas não considera as experiências vivenciadas por esses alunos, na estruturação de seu currículo.

Não obstante, as determinações históricas da organização produtiva capitalista criam, assim, relações sociais distintas que se manifestam em todas as instâncias sociais e, particularmente, no âmbito da educação formal.

As condições de sobrevivência de cada uma das classes e camadas de classe que compõem a sociedade desempenham, sem nenhuma dúvida, um papel decisivo no acesso e permanência na escola. É evidente que a renda interfere na aquisição dos meios que favorecem a escolaridade das crianças.

FERREIRA (1984) remarca que são entre as camadas proletárias que se concentram os níveis mais baixos de renda familiar e que essa situação contribui para o fracasso na escolaridade.

Entre as crianças oriundas dessas camadas sociais, que têm acesso à escola, 23% a abandonam no final da 1ª. série da escola elementar, 32% repetem esta série e apenas 14% conseguem aprovação para a série seguinte.

A relação escolaridade-renda torna-se mais evidente quando consideramos os dados referentes à região Nordeste. Nesta região, quanto menor a renda per capita da família, mais elevada a proporção de menores: 60%, para as famílias com rendimento per capita de 1/4 do salário mínimo. Do total de menores, que representam 50,8% da população nord. stina, 82,4% vivem em estado de pobreza, sendo que 59,1% são de pobreza e miséria absolutas.

O acesso à escola por parte dessa população é muito desigual em relação ao rendimento familiar per capita. Quanto mais baixa a renda, taxas mais reduzidas de escolaridade e, conseqüentemente, maior número de crianças fora da escola. Em 1980, ainda segundo FERREIRA (1988), apenas 39% das crianças com idade entre 07 e 14 anos, provenientes das

famílias com renda per capita de até um quarto (1/4) de salário mínimo estavam inscritos na escola elementar, já as crianças advindas das famílias com renda per capita superior a meio (1/2) salário mínimo, 76,4%, encontravam-se inscritos na escola elementar.

Em um sistema social caracterizado pelo antagonismo fundamental entre as classes sociais, como o da sociedade capitalista, não se poderia pensar as questões educacionais sem relacioná-las à contradição fundamental - capital e trabalho - base dessa sociedade.

As manifestações dessa contradição representam estratégias que as famílias encontram para minimizar as dificuldades enfrentadas em decorrência dos baixos salários e precárias condições de vida, impostas pelas imensas desigualdades que caracterizam o sistema econômico em que vivemos.

Passamos a verificar, então, como a condição social das crianças perpassa a escolaridade e quais as suas manifestações no início da escola básica.

## OS PRÉ-ESCOLARES E SUA ESCOLARIDADE

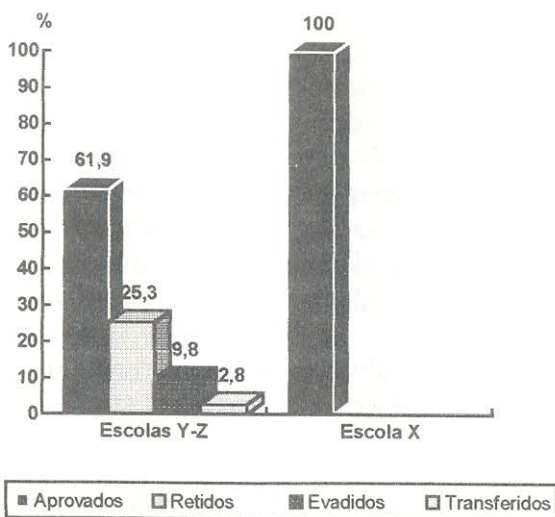
Considerando as observações sobre a procedência dos alunos e a interferência da condição de classe na forma como os fatos se manifestam, passamos a estudar, também, sua influência na escolaridade dessas crianças.

Para isso, deter-nos-emos na análise dos resultados da escolaridade dos alunos inscritos na 1ª. série do 1º grau, no período letivo de 1987, relacionando-os à sua origem social.

Constatamos que todos os alunos inscritos na escola privada X foram aprovados, enquanto que nas escolas públicas Y e Z encontramos 61,98% de alunos aprovados; 25,36% retidos; 9,86% evadidos e 2,82% transferidos no decorrer do período letivo (gráfico IV).



GRÁFICO IV - ALUNOS POR ESCOLAS E RESULTADO NO ANO LETIVO, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes... 1º. grau (1989).

A análise dos resultados da escolaridade dos alunos pesquisados em relação à origem social demonstra que, nas escolas públicas Y e Z, a maioria (69,57%) dos alunos provenientes da pequena burguesia obteve sucesso, sendo aprovada no final do período letivo. O percentual de alunos retidos vem logo em seguida (28,26%) e os evadidos representam apenas 2,17% do total de alunos.

Os alunos pertencentes às camadas do proletariado obtiveram um resultado inferior aos da pequena burguesia. Embora a maioria (52,40%) dos alunos tenha sido aprovada, 23,80% foram retidos e 23,80% evadiram-se durante o período letivo. Isto representa um percentual de 47,60% de fracasso na escolaridade dos alunos oriundos dessa classe social (gráfico V).

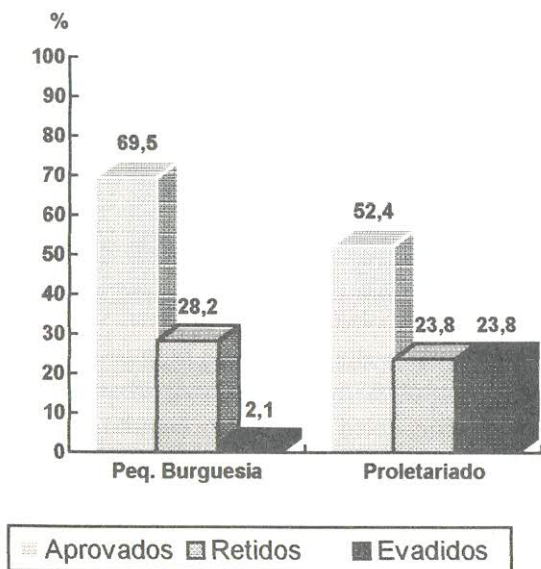
Diferentemente da escola pública, na escola privada constatamos que a totalidade dos alunos, seja da burguesia ou da pequena burguesia, é aprovada no final do período letivo (gráfico VI).

Esses dados nos colocam algumas indagações relativas ao resultado da escolaridade, segundo a origem social dos alunos, especialmente no que diz respeito à noção de sucesso ou fracasso escolar. Consideramos como alunos que obtiveram sucesso aqueles aprovados no final do período letivo e como os que fracassaram os alunos retidos ou evadidos.

Estabelecendo-se relação entre os resultados das duas realidades (gráficos V e VI), verificamos que não só na escola privada, onde comprovamos 100% de aprovação, mas também na escola pública, é a pequena burguesia que se sobressai em termos de sucesso no resultado da escolaridade, pois encontramos 69,57% de alunos aprovados no final do período letivo. Relembramos, porém, que as camadas que compõem a pequena burguesia nas escolas públicas diferem substancialmente daquelas da escola privada. Nesta, a pequena burguesia é formada por camadas superiores compostas de profissionais liberais, professores, técnicos de nível superior, entre outros. No entanto, naquelas, ela é formada por camadas inferiores compostas de fornecedores de serviços, escalões inferiores da administração pública e privada, entre outros. Essa particularidade faz com que as condições de vida dos segmentos que compõem a pequena burguesia se diferenciem, contribuindo para que aquelas camadas menos favorecidas apresentem condições de vida semelhantes às do proletariado.

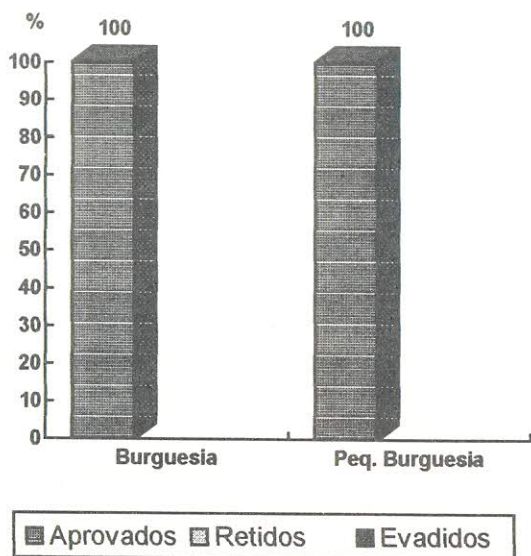
Comparando-se ainda o resultado da escolaridade dos alunos das duas realidades (PÚBLICA E PRIVADA) com a origem social, percebe-se que o fracasso na escolaridade atinge especialmente as camadas inferiores da pequena burguesia e as do proletariado que frequentam as escolas públicas, sendo caracterizado pela repetência e indicação para classes especiais (Gráficos V e VI).

GRÁFICO V - ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS Y E Z, SEGUNDO A ORIGEM SOCIAL E O RESULTADO DO ANO LETIVO, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

GRÁFICO VI - ALUNOS DA ESCOLA PRIVADA X, SEGUNDO A ORIGEM SOCIAL E O RESULTADO DO ANO LETIVO, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

O sucesso escolar vem sendo privilégio dos alunos oriundos da burguesia e camadas superiores da pequena burguesia. O fracasso atinge, particularmente, os alunos advindos do proletariado e das camadas menos favorecidas da pequena burguesia.

FERREIRA (1989), nos seus estudos, analisa também a interferência da origem social no resultado da escolaridade dos alunos que freqüentam a 1ª. série do 1º grau.

Ao estudar o desenrolar da escolaridade de 231 alunos que freqüentam pela primeira vez a 1ª. série do 1º grau, constata o peso da origem de classe sobre o destino escolar daqueles que têm acesso à escola.

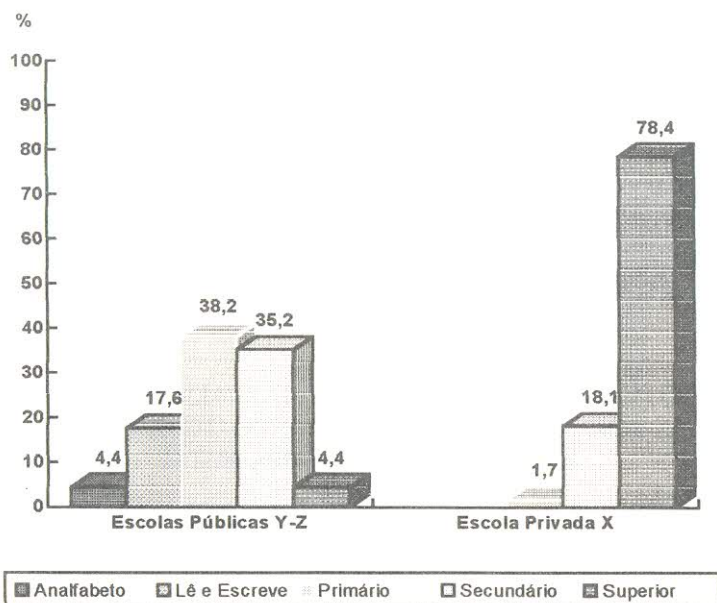
A autora demonstra que a origem social é elemento de mediação do sucesso ou fracasso da escolaridade. A diversidade de escolaridade resulta do conjunto das condições de vida dos alunos e estas estão associadas à origem social.

Esses alunos que têm uma escolaridade marcada pelo fracasso se evadem da escola antes de atingirem a 4ª série do 1º grau. Para identificar o significado dessa evasão, foi verificado que ela ocorre nas duas primeiras séries do ensino de 1º grau. No caso em estudo, os alunos abandonaram a escola entre a 1ª série (75%) e a 2ª série do 1º grau (24%). Nenhum desses alunos estavam inscritos em outra escola, tendo os mesmos seguido uma escolaridade muito curta.

Outro aspecto que consideramos relevante para a compreensão da mediação existente entre escolaridade e origem social diz respeito ao grau de instrução que possui o chefe da família.

Na escola privada, a maioria dos chefes de família possui curso superior (78,46%) seguida de 18,10% que possuem o curso secundário e 1,72% o curso primário. Nas escolas públicas, ao contrário, os níveis de instrução predominantes são o primário (38,25%) e o secundário (35,29%). Seguem-se a esses níveis de instrução que 17,64% sabem apenas ler e escrever e 4,41% são analfabetos. Apenas um pequeno percentual (4,41%) possui curso superior (gráfico VII).

GRÁFICO VII - CHEFES DE FAMÍLIA DOS ALUNOS DAS ESCOLAS X, Y E Z, SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

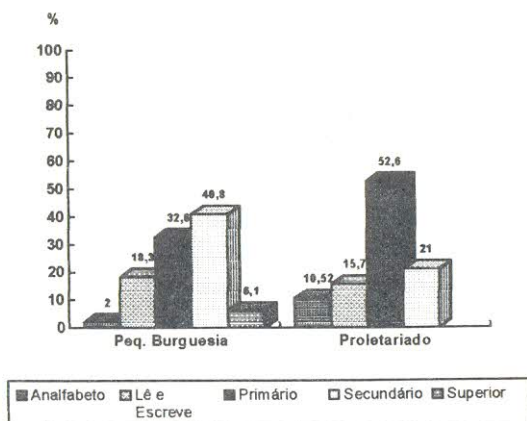
Ao relacionarmos o grau de instrução dos chefes de família com a origem social, encontramos nas escolas públicas Y e Z 40,83% dos chefes de família oriundos da pequena burguesia que possuem curso secundário; 32,65% o curso primário; 18,36% sabem apenas ler e escrever; 6,12% possuem curso superior e apenas 2,04% são analfabetos.

Entre os chefes de família que provêm das camadas do proletariado, a maioria (52,65%) possui o curso primário, seguida de 21,05%, que possuem o curso secundário, 15,78% que lêem e escrevem e 10,52% que são analfabetos. Nenhum deles possui curso superior (gráfico VIII).

Na escola privada X, observamos um quadro completamente diferente das escolas públicas. A maioria dos chefes de família, tanto da burguesia quanto da pequena burguesia (68,75% e 81,64% respectivamente), possui curso superior, seguida de 31,25% da burguesia e 16,32% da pequena burguesia com o curso secundário. Apenas 2,04% da pequena burguesia possuem curso primário (gráfico IX).

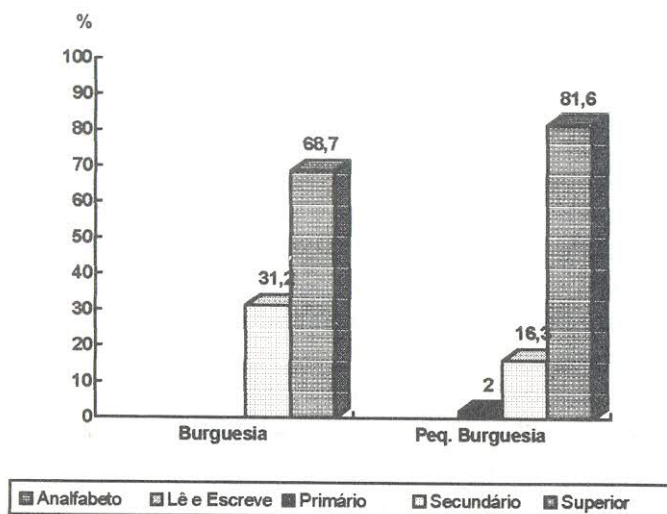
Ao compararmos os resultados das escolas públicas com a escola privada, percebemos que é evidente a diferença de oportunidades oferecidas às duas clientelas. Estes dados vêm confirmar, mais uma vez, que a origem social é fator determinante do sucesso ou fracasso na escolaridade. Na sociedade capitalista, esse fato está associado à própria contradição que caracteriza a forma de organização social.

GRÁFICO VIII - CHEFES DE FAMÍLIAS DOS ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS Y E Z, SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO E ORIGEM SOCIAL, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

GRÁFICO IX - CHEFES DE FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA ESCOLA PRIVADA X, SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO E ORIGEM SOCIAL, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

A origem social das crianças e suas famílias determina o tipo de tratamento que lhes é dispensado no sistema de ensino. Além de maiores oportunidades de acesso ao conhecimento através dos meios de comunicação, as crianças da escola privada contam ainda com o auxílio dos pais na realização de suas tarefas, como também nos aspectos mais gerais de sua formação acadêmica. Os pais das crianças que freqüentam a rede pública, pela falta de oportunidade de escolarização, encontram dificuldades em acompanhar as tarefas de seus filhos exigidas pela escola.



## A PRÉ-ESCOLA NA VIDA DAS CRIANÇAS

A análise da trajetória escolar das crianças se encontra associada à origem social delas e, conseqüentemente, às condições de vida geradas por essa mesma origem de classe. É o conjunto desses fatores que determina as condições segundo as quais se viabilizam modalidades diversas de escolaridade. Se a diversidade da escolaridade resulta do conjunto das condições de vida dos alunos, essa escolaridade depende das variações dessas condições ou, pelo menos, está a elas associada.

Uma das variações é a freqüência à pré-escola. Por isso, parece-nos necessário situar a diversidade dos destinos escolares dos alunos em relação ao acesso à pré-escola, tentando destacar as associações que se poderão estabelecer.

A diversidade escolar que vai do sucesso ao fracasso, que é o centro de nossa problemática, está identificada pela situação escolar dos alunos no final da 1ª. série do 1º. grau, no ano letivo de 1987.

No entanto, convém chamar a atenção, mais uma vez, para o fato de que, apesar de todos os alunos se encontrarem na mesma situação no início do ano letivo de 1987, essa igualdade é apenas aparente. Na realidade, essa situação não é homogênea: há alunos que nunca freqüentaram uma instituição escolar; alunos repetentes, alunos oriundos da pré-escola.

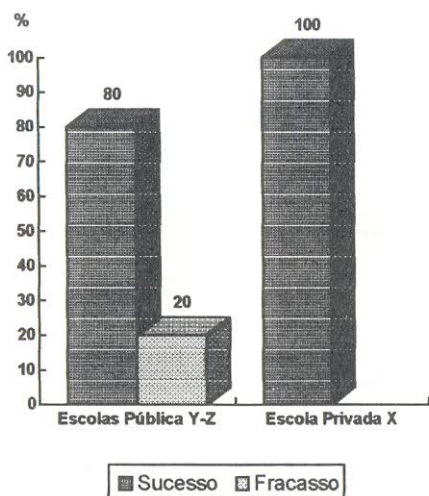
Esta análise limita-se, portanto, ao grupo de alunos que freqüentaram a pré-escola. Será feita também, para efeito de comparação, a análise dos resultados daqueles alunos que não freqüentaram a pré-escola.

Um exame rápido da situação referente ao grupo de alunos inscritos na escola pública provenientes da pré-escola demonstra que 80% destes obtiveram sucesso no final da 1ª. série do 1º. grau e 20% fracassaram, enquanto na escola privada, 100% dos alunos alcançaram sucesso no final do período letivo (gráfico X).

A análise destes resultados, relacionada à origem social dos alunos, demonstra que nas escolas públicas 80,09% de alunos oriundos

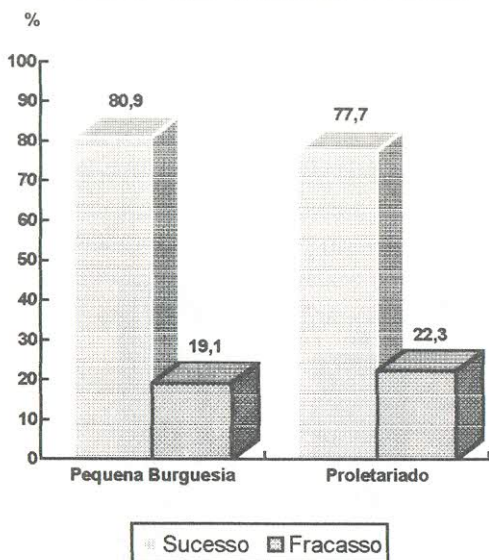
da pequena burguesia obtiveram sucesso, enquanto apenas 19,1% fracassaram. A maioria (77,7%) de alunos advindos das camadas do proletariado também obteve sucesso contra 22,3% de alunos que fracassaram (gráfico XI).

GRÁFICO X - ALUNOS DAS ESCOLAS X, Y E Z, ORIUNDOS DA PRÉ-ESCOLA, SEGUNDO O RESULTADO DA ESCOLARIDADE, 1987 - NATAL-RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

GRÁFICO XI - ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS Y E Z ORIUNDOS DA PRÉ - ESCOLA, SEGUNDO O RESULTADO DA ESCOLARIDADE E A ORIGEM SOCIAL, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

Na escola privada X, a totalidade dos alunos, tanto da burguesia quanto da pequena burguesia, obteve sucesso no final do período letivo.

Tanto na escola privada quanto nas escolas públicas, a maioria dos alunos que freqüentaram a pré-escola foi aprovada no final do período letivo. Isto, porém, não significa que seja o fato isolado de freqüentarem a pré-escola que os tenha levado ao sucesso, mas sim, em maior escala, as condições favorecidas pela classe à qual pertencem.

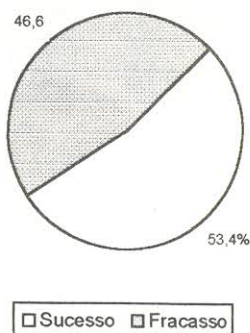
Para maior compreensão da interferência ou não da pré-escola na escolaridade básica, faz-se necessário analisar o resultado daquelas crianças que não a freqüentaram e que representam 43,55% do universo pesquisado.

Retomando os dados sobre a procedência dos alunos segundo a sua origem social nas escolas públicas Y e Z, observa-se que entre os alunos que provêm do lar, 47,63% pertencem ao proletariado e 43,75%, à pequena burguesia, ou seja, eles representam a maioria entre os alunos do proletariado e a metade da pequena burguesia, havendo uma presença considerável de alunos destas camadas sociais que provêm do lar.

Considerando-se, então, o resultado da escolaridade desses alunos no final do período letivo, observa-se que, nas escolas públicas Y e Z, a maioria (53,34%) fracassou, enquanto 46,66% obtiveram sucesso (gráfico XII).

Na escola privada X, encontrou-se apenas 01 aluno proveniente do lar e o mesmo foi aprovado na 1ª série, representando 100% de sucesso entre os alunos dessa escola.

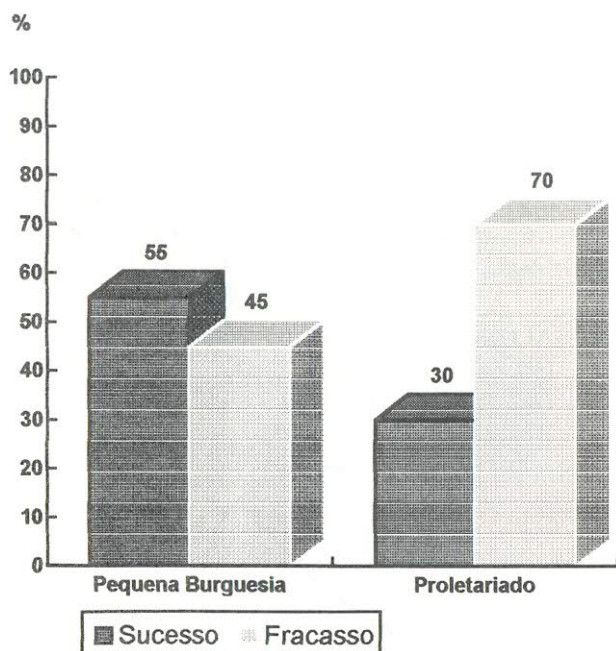
GRÁFICO XII - ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS Y E Z, ORIUNDOS DO LAR, SEGUNDO O RESULTADO DA ESCOLARIDADE, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

A análise destes resultados, relacionada à origem social, demonstra que, nas escolas públicas Y e Z, a maioria (55%) dos alunos provenientes da pequena burguesia foi aprovada e 45% de alunos fracassaram. A maioria (70%) de alunos advindos do proletariado, no entanto, fracassou. Somente 30% obtiveram um resultado satisfatório no final do período letivo (gráfico XIII).

GRÁFICO XIII - ALUNOS DAS ESCOLAS Y E Z, ORIUNDOS DO LAR, SEGUNDO O RESULTADO DA ESCOLA-RIDADE E A ORIGEM SOCIAL, 1987 - NATAL - RN - 1ª. SÉRIE - 1º. GRAU



Fonte: FERREIRA, M. S. Entre quatro paredes ... 1º. grau (1989).

Mais uma vez constatamos que, tanto nas escolas públicas como na escola privada, à exceção das crianças advindas da burguesia, são as crianças oriundas das camadas pequeno-burguesas que obtêm os melhores resultados na trajetória escolar. Embora essas crianças não tenham passado pela pré-escola, mesmo assim, obtêm sucesso. Isto posto, evidencia o quão determinante é a condição de classe. Esta tanto prepara como inabilita as crianças ao enfrentamento das condições adversas que a presente sociedade coloca.

Estes dados poderiam sugerir que a frequência à pré-escola é que possibilita as crianças de terem sucesso na escolaridade básica; no entanto, como temos visto, a herança cultural da classe à qual pertence a criança é que lhe dá essa possibilidade.

Não obstante, consideramos outros fatores que, apesar de preponderantes, são estruturados no interior mesmo da luta de classes. Como vimos, as precárias condições materiais de vida dificultam e muitas vezes impedem que os pais acompanhem as tarefas escolares de seus filhos, quando eles não possuem o nível de escolaridade dos mesmos. A transformação precoce da criança pobre em força de trabalho e a participação obrigatória nas atividades domésticas têm, do mesmo modo, influenciado fortemente nos resultados escolares das crianças pertencentes às camadas do proletariado e parte das camadas inferiores da pequena burguesia.

É difícil considerar, isoladamente, o fator frequência à pré-escola ou em qualquer nível de ensino. Quando constatamos dados negativos de frequência, temos que considerá-los associados àqueles fatores acima enumerados entre outros. A grande massa das crianças pobres é vítima deles. Em contrapartida, os maiores índices de frequência à pré-escola partem justamente das crianças que não são atingidas pelos mesmos fatores.

As crianças oriundas do proletariado, porém, além de sub-representadas no sistema de ensino, não conseguem acompanhar os conteúdos e programas impostos pela escola.

Essas crianças que conseguem ingressar, especialmente na escola pública, merecem estudo particularizado nos trabalhos de FERRARI e GASPARY. Estes autores concluem seus estudos sobre as oportunidades que essas crianças têm de ingresso na pré-escola pública, afirmando que

*“... não há dados que confirmem que as redes públicas atendam prioritariamente às crianças mais carentes. Ao contrário, tudo indica que boa parte da clientela das redes públicas, especialmente das estaduais e federal, provenha das camadas média e média baixa da população” (1980, p.77).*

O Estado Burguês, que se apresenta como equalizador das desigualdades sociais, na prática, reforça essas desigualdades e mantém a estrutura de classes. Criado e estruturado pela própria burguesia, ele se coloca fiel aos interesses da classe que o administra.

A educação, como qualquer outro bem, encontra-se atrelada às mesmas leis que regem a determinação da discriminação social. Mas, pelo discurso democrático, a própria sociedade burguesa é quem coloca a necessidade de oferecer tanto este como outros benefícios às camadas proletárias, em particular, e à população como um todo. Encerra mais uma contradição nos seus documentos oficiais em relação à sua prática política. Proclama atender prioritariamente à população mais carente, e, no entanto, esta população é relegada aos seus destinos de classe.

Quanto à educação pré-escolar, a burguesia não poderia demonstrar pouco caso frente a um serviço criado em decorrência do próprio desenvolvimento da sociedade capitalista moderna. A pré-escola, enquanto atendimento massificado, isto é, enquanto cumprimento das normas institucionais formais, não vem sendo, na presente sociedade, democratizada. No final, quem perde são as crianças das grandes massas proletárias. No máximo, são "eleitas" umas poucas que se beneficiam com algumas experiências e projetos isolados, fruto do capricho e compromisso político pessoal de alguns que se colocam à disposição da administração pública. No entanto, essas exceções, quando muito, servem para não deixar que o Estado seja cobrado pela sua negligência quanto à oferta da pré-escola pública.

As escolas públicas encontram-se em estado de total abandono. Elas têm como rotina diária a falta de material didático-pedagógico; a escassez de pessoal qualificado; inexistência de momentos para revisão e treinos, levando os educadores a uma prática esfacelada e abstrata. Todo o caos que assola estas escolas, reflexo dos desmandos sociais, econômicos e políticos que caracterizam o atual momento de organização da sociedade brasileira, demonstra a falta de interesse do Estado Burguês pela educação.

Essas contradições demonstram não só como não é prioritário o atendimento pré-escolar para as crianças do proletariado e camadas

inferiores da pequena burguesia, como também, ainda é muito grande a luta delas pela garantia de acesso e permanência à escola e, conseqüentemente, à pré-escola. É diante desse quadro adverso que elas têm que encaminhar as suas lutas. A escola pública gratuita e de qualidade ainda representa uma reivindicação para essas camadas da população.

A escola representa para as crianças e as famílias de origem proletária bem mais do que a busca da merenda escolar e assistência médico-dentária, como quer fazer crer a ideologia burguesa, na tentativa de mistificar as precárias condições de funcionamento oferecidas às escolas públicas, pelos órgãos oficiais. Elas possuem estímulos necessários para procurá-las e o nível de expectativas das famílias é superior ao que se oferece nas escolas.

Outras pesquisas já sintetizaram o que essas crianças e suas famílias anseiam da escola. Para CABRAL.

*“... não se pode admitir que a merenda ocupe o verdadeiro papel da pré-escola, conforme vem se constatando nos dias atuais. As distorções dos fins e objetivos da educação pré-escolar têm servido para justificar as práticas pedagógicas improvisadas, os currículos inadequados, as precárias instalações físicas, a superlotação das turmas, entre outras”* (1988, p.56).

Também CAMPELO, em seus estudos, conclui que,

*“... a grande maioria das crianças da escola pública associa a escola mais ao estudo, às aprendizagens formais do que à merenda escolar, ao contrário do que veicula a ideologia dominante”* (1988, p.90).

Transferir para as crianças ou para as suas famílias a responsabilidade de elas não freqüentarem a pré-escola representa uma das muitas falácias utilizadas pelo poder público na tentativa de camuflar os altos índices de crianças fora da escola. Representa mais uma forma de discriminação para essas crianças, quando são utilizadas como justificativas para diminuir suas chances de ingresso à escola.



A reduzida oferta de vagas, as precárias condições materiais e físicas das escolas e os baixos salários pagos aos educadores, em todas as redes públicas do país, completam o quadro de abandono em que se encontra a educação brasileira. A negação desta realidade reflete o distanciamento e o desinteresse do poder público e a omissão do Estado Burguês em atender os direitos básicos do cidadão, em particular, a educação.

A pré-escola pública não existe enquanto grau de ensino. É necessário resgatar sua obrigatoriedade junto aos poderes competentes, minimizando a discriminação e a seletividade em relação às crianças do proletariado e camadas inferiores da pequena burguesia.

Para essas crianças, a escola representa a única fonte de acesso ao saber sistematizado, tendo uma importância inegável para elas. A partir desta compreensão é que os educadores poderão reformular os objetivos e funções da pré-escola, tomando como base os interesses e expectativas das crianças e suas famílias. A análise de suas condições de vida, como também das conseqüências provocadas por essas condições são elementos imprescindíveis para a compreensão da importância da educação para a classe proletária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL, Ministério da Educação. Serviço de Estatística da Educação e Cultura. *Estatísticas Educacionais*; Brasil 1958-88, Brasília: 1987.
2. CABRAL, Maria do Rosário da Silva. *A intervenção na rotina da pré-escola pública: um grande desafio*. Natal, 1988. Tese (Mestrado em Educação) UFRN, 1988.
3. CALSING, Elizeu Francisco, et al. *Desigualdades sociais no Nordeste*. Brasília; IPEA. Centro Nacional de Recursos Humanos; UNICEF; SUDENE, 1985. (Instrumentos para a Ação, 2).
4. CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda. *Descobrimo a criança pré-escolar: um trabalho com o professor da escola pública de Natal-RN*. Natal, 1988. Tese (Mestrado em Educação, UFRN, 1988).
5. FERRARI, Alceu R. Distribuição de oportunidades de educação pré-escolar no Brasil: uma proposta oficial e realidade. *Ande; Revista da Associação Nacional de Educação*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 62-68. 1982.
6. FERRARI, Alceu R.; GASPARY, Lúcia Beatriz Velloso. Distribuição de oportunidades de educação pré-escolar no Brasil. *Educação & Sociedade*, São Paulo, n. 5, jan., 1980.
7. FERREIRA, Maria Salonilde. *L'école pourquoi? étude de rapports entre scolarité et origine social des enfants dans l'enseignement de 1<sup>o</sup> degré au Nord Est du Brésil*. Tese (Doutorado) Université de Caen, Caen, França, 1984.
8. FERREIRA, Maria Salonilde, et al. Escola Pública: verso e reverso. In: *Reunião Anual da SBPC*, 40, 10-16 jul. 1988. São Paulo.
9. FERREIRA, Maria Salonilde, et al. Entre quatro paredes: estudo da relação entre prática pedagógica e origem social dos alunos da 1<sup>a</sup> série do 1<sup>o</sup> grau. *Revista Educação em Questão*. Natal, v. 2/3, n. 2/1, p. 127-33, jul. 88 - jun. 89.
10. LENINE, Vladimir. *Oeuvres*. Paris: Ed. Sociales, 1960. t. 21.
11. VASQUEZ, Ana; STAMBAK, Mira; SEYDOUX, Alix; PENA-PERRON, Dalia. *Modalités d'integration des enfants de cinq ans a l'école maternelle en fonction de leur milieu d'origine*. (Recherches pédagogiques) INRDP, Paris, n. 95, p. 7-44, 1978.